

Varal de Emoções

Em maio de 2020, durante a quarentena, foi divulgado nas redes sociais um curso nomeado de “Covid-19 na Rocinha”. Sendo organizado pelo coletivo *A Rocinha Resiste*, *Museu Sankofa*, *Jornal Fala Roça* em parceria com o *Instituto Moreira Salles*, o curso teve como objetivo fazer registros da pandemia na favela da Rocinha sob olhar do morador e potencializar o alcance desses trabalhos de dentro para fora, ressaltando a capacidade dos habitantes em registrar sua própria memória. A construção do curso Covid-19 ocorreu de maneira colaborativa com artistas e comunicadores locais, de múltiplas áreas de atuação através de aulas on-line com duração de 5 semanas.

O projeto teve 10 alunos selecionados e tivemos encontros duas vezes por semana, com aulas de design, marketing, história, memória, jornalismo comunitário, audiovisual e crescer nossa visão acerca do outro. O objetivo era de orientar os projetos individuais de cada participante selecionado e garantir que os mesmos conseguissem comunicar para os de dentro da Rocinha, mas que os de fora pudessem entender como é viver numa favela. Nos primeiros encontros em grupo percebemos que muitos projetos conversavam entre si, e então, nasceu o Varal de Emoções. E quem somos?

A começar comigo, Jennifer Monteiro. Sou nascida e criada nessa imensidão incrível que é a Rocinha. Estudei todo ensino fundamental em escola pública, mas com muita dedicação - e sorte - consegui uma bolsa integral em um colégio privado com um grande nome. Lá pude ter a oportunidade de ter um ensino com qualidade ao qual muitos dos meus infelizmente não conseguiram. Como consequência de 3 anos intensos no Ensino Médio, através do PROUNI, entrei em 2017 para uma das maiores faculdades do Rio - a Pontifícia Universidade Católica.

Durante essa minha vida na graduação, pude ter acesso a muitos autores, estudos e pesquisas sobre diversos temas, em especial sobre as favelas. Fiz pesquisas próprias sobre a Rocinha que abriram meus olhos e ali construí uma visão acadêmica do lugar onde vivo, mas me faltava sentir de perto e absorver as vivências do meu lugar de origem longe do mundo estudado pelos de fora. Com o tempo, fui me aproximando da Rocinha cada vez mais e desenvolvendo um sentimento de pertencimento que se consolidou logo após o curso Covid-19. Já fiz entrevistas para o RJTV e para o podcast *Entretantos* nos quais eu dizia um pouco da minha visão como moradora da favela e dos impactos, dificuldades e experiências ao longo da vida.

Com o Varal, junto com a Maria Alice, estou expandindo e compartilhando meus estudos universitários para com os meus. Nosso objetivo maior é retribuir ao nosso lugar

de nascimento tudo aquilo que fomos adquirindo no espaço acadêmico e inspirar outras pessoas a construir uma história diferentes do que nos estigmatizam.

Prazer, me chamo Maria Alice Balbino, nascida na Rocinha, filha da escola pública, cursei Ensino Normal, também conhecido como formação de professores e sou graduada em História pela PUC-RIO. Apesar de nascer na favela, tive a adolescência fora dela, morei por anos em Guaratiba, zona oeste do Rio de Janeiro e retornei para a Rocinha no final de 2013 início de 2014, quando consegui uma bolsa de estudos pela PUC.

Passamos muito tempo fora da Rocinha e acabamos nos distanciando do nosso local de moradia. Transformar o que aprendi durante a graduação para comunicar aos moradores sobre a importância do registro histórico foi um dos maiores desafios como pesquisadora. Me redescobri como moradora da maior favela da América Latina e estou assumindo meu papel como historiadora, pesquisadora e favelada, registrando com coração esse momento tão difícil em nossas vidas.

Tenho orgulho em ressaltar que fui bolsista PIBIC com o tema “Os pequenos clubes dançantes no Rio de Janeiro na Primeira República” com orientação de Leonardo Pereira, bolsista PIBID com orientação do Ilmar de Mattos e minha monografia foi sobre a importância do Patrimônio Imaterial por meio do Jongo do Sudeste, com orientação de Iamara Viana, grande professora e pesquisadora.

O curso Covid-19 na Rocinha possibilitou que aprendêssemos a olhar para a Rocinha e a comunicar para dentro. A multidisciplinaridade permitiu que saíssemos da zona de conforto e aprendemos a importância do coletivo, ressaltar as coisas boas que acontecem na favela, apesar de todo caos vivido. As capas de jornais continuam destacando a violência e excluindo a tamanha potencialidade de nós, jovens, moradores e tudo que estamos fazendo para burlar a tamanha falta de políticas públicas para nossa localidade. Então, ao criar o Varal de Emoções junto com Jennifer, demos vida à um diário virtual sobre o período de pandemia na Rocinha no qual ressaltamos as emoções, o cuidado com os moradores e com nós mesmas para que tenham outra visão das favelas e como somos potência.

Proposta e tema

A motivação para a participação do projeto é de contribuir com um trabalho que possa dialogar diretamente com os habitantes da favela da Rocinha. A ideia é demonstrar o olhar do morador para as diversas dificuldades em lidar com a pandemia mundial juntamente com os problemas que antes já existiam – desde doenças à falta do básico para

sobrevivência. Em um primeiro momento, foi cogitado a hipótese de ser um diário impresso, contudo, percebemos que poucos seriam atingidos, modificando assim o formato final do mesmo.

Observando quanto o meio digital é influente, utilizar-se dele para construir nosso projeto foi praticamente uma certeza. O diário entrou para o mundo virtual possibilitando o compartilhamento com outros habitantes da Rocinha, e com isso, conseguiríamos ter a oportunidade de nos comunicarmos de dentro e fora da favela.

Por meio da ferramenta das redes sociais, estamos mostrando as diferentes emoções vividas nesses mais de 100 dias de quarentena e demonstraremos as dificuldades para enfrentar o almejado isolamento social. Afinal, o psicológico, lidar com confinamento e distanciamento trazem à tona uma mistura de sentimentos e memórias que jamais serão esquecidas, além de tocar em um assunto central: **houve quarentena na favela?**

Metodologia

O método utilizado neste trabalho serão as lembranças dos moradores, registrados por meio de entrevistas, enquetes, áudios e postagens. O desafio está em demonstrar a importância da memória para o morador, transcrevendo com nosso olhar e nosso formato. Mais do que mostrar enredos tristes, nossa finalidade é o reconhecimento pessoal pelo conteúdo elaborado na nossa plataforma e expor a importância da história local.

No decorrer do curso, o coletivo sempre foi muito citado. Com isso, formamos uma dupla e juntas percebemos que podíamos unir forças para criar algo grande, significativo e que pudesse atingir todos os diferentes públicos que residem na imensa Rocinha. E através dessa parceria surgiu o “**Varal de Emoções**”, nosso Instagram direcionado para compartilhar histórias com outros vizinhos.

Durante esse tempo de trocas, fizemos algumas entrevistas – em sua maioria virtualmente – e coletamos informações que nos direcionaram na construção de pautas para nossas postagens. Contudo, apesar de muito estar sendo produzido no audiovisual, a escrita será a vertente primordial para o registro dessas memórias, mas sempre feita de maneira acessível e dinâmica para que todos que tiverem acesso sintam-se instigados a ler cada vez mais sobre o trabalho que estamos querendo apresentar.

Leituras também serão necessárias para a construção de uma produção sólida em campo virtual. Como referências, usaremos leituras periféricas e acadêmicas para que consigamos atingir os moradores da Rocinha. Autores como Renata Souza com o livro “Cria da favela”, os escritos da poeta periférica Tula Pilar Ferreira e o livro “Varal de Lembranças” da Rocinha, referência importantíssima para este projeto. Como leitura acadêmica, usaremos a tese da Mariana Costa sobre a Rocinha na primeira metade do século XX, possibilitando assim, que a execução do nosso projeto cresça e contribua para a memória do nosso lar.

Justificativa

E por que um diário virtual?

Como dito anteriormente, avaliamos e pesquisamos muito sobre a influência das redes digitais, utilizar-se delas foi algo praticamente orgânico. A quarentena nos trouxe uma sobrecarga de sentimentos e sensações muito intensas. Fora que nos deixou mais nostálgicos, angustiados e ansiosos querendo expor tudo que está sendo sentido nesse período. Para nós favelados, não ter um espaço que mostre as infinitas Rocinhas que existem é triste. Com isso, quisemos ser esse veículo de lembranças, fazer um acervo de relatos com outros moradores no local em que todos estão interligados atualmente.

Sabemos da importância da construção de um patrimônio histórico deste período e porque não ser construído por moradores e para moradores? Chimamanda Adichie destaca o perigo de uma única narrativa. Historicamente a favela é vista com um olhar de fora e apenas é vinculado a notícias ruins. Somos mais do que dias de intensos tiroteios e temos uma rede de coletividade a ser exaltada. Já somos diariamente marginalizados, chegou a hora de mostrar o quanto somos potências.

Vale destacar que para além da importância dos registros, queremos que os moradores consigam perceber o grande império na qual esta comunidade é e o quão forte são as pessoas que nela habitam. O diário também permite exprimir como são nossos sentimentos mediante o caos do Covid-19. Logo, desenvolver um diário de confinamento também é uma forma de terapia para lidar com tudo isto que vem acontecendo.

A premissa é retratar as singularidades que nós, moradores de favelas encontramos no decorrer de uma pandemia mundial. Isso engloba citar a falta de água, falta de saneamento

básico, dificuldades em manter distanciamento social – tendo em vista a quantidade de moradores por quilômetro quadrado –, evidenciar as dificuldades para compras por internet, pois, não entregam os pedidos nas favelas e isto demonstra umas das dificuldades sociais que enfrentamos, entre outros fatores. Assim, o trabalho com a memória é extremamente necessário, principalmente quando estas anotações são escritas e desenvolvidas por residentes.

Por último e não menos importante, o diário virtual e a criação de áudios para o aplicativo do Whatsapp nos permitem atingir pessoas com deficiência visual, analfabetos e idosos. Tomamos cuidado ao pensar em maneiras de que o coletivo esteja presente reconhecendo o valor dos mesmos para a memória local assim como nas suas contribuições fundamentais para que juntos possamos melhorar nossa casa, a Rocinha.

Referências

SOUZA, Renata. **Cria da Favela. A resistência a militarização da vida.** Rio de Janeiro: Ed. NPC,2018.

COSTA, Mariana Barbosa Carvalho. **A Rocinha em construção: a história social de uma favela na primeira metade do século XX.** Tese (Doutorado em História) –PUC-RIO. Rio de Janeiro,2019.

<http://memoriarocinha.com.br/sankofa/>

<https://www.youtube.com/watch?v=2WdILmQLp5Q>

<https://ims.com.br/quarentena/>

<https://www.instagram.com/eunegrei/channel/>

<https://www.instagram.com/humansofny/>

<https://www.instagram.com/diario.dapandemia/>

https://www.youtube.com/watch?v=O4_Rm50-MfM

https://www.instagram.com/p/CB-yk_zHc2Y/?igshid=1hvi3pkgbz96r

<https://www.instagram.com/tv/CBvieTXpwi6/?igshid=5vedbqlynov>

<https://www.instagram.com/jornalfalaroca/>

<https://www.instagram.com/rocinhaalerta/>

<https://www.instagram.com/rocinhaemfocooficial/>

https://www.instagram.com/rocinhasoblentes_oficial/

<https://www.instagram.com/arocinharesiste/>